

QUINTA-FEIRA
Lisboa--20 de Fevereiro--de 1930

5 ANOS
1925-1930

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

196

sempre

fi *semanario humoristico*

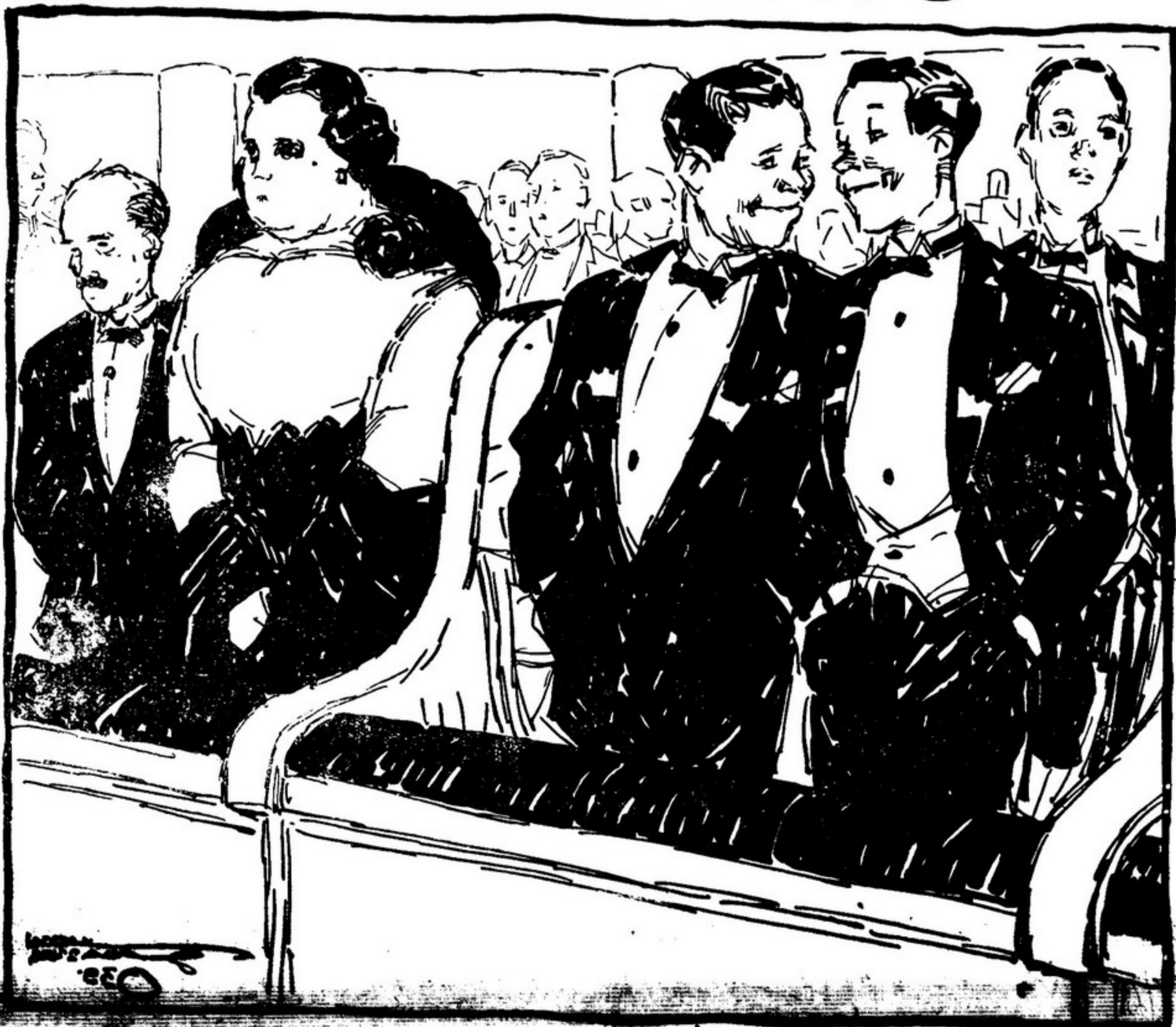


Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

NO TEATRO



--E a senhora que está ao lado dele quem é?
--E' a mulher.
--Mas... toda?!



Os ditos da semana



Alvitres Os alvitres interessantes chovem de todos os lados, o que não admira, estando nós como estamos em pleno inverno.

Ha quem queira mudar o nome ao Terreiro do Paço e até quem pretenda mudar-lhe a aplicação. Praça Portugal ficaria muito bem se não fosse que não é fácil meter o todo na parte.

Fazer da Praça do Comercio, como o nome indica uma praça de negocio com algibeles, tanqueiros e lojas de modas, tambem estaria bem, mas quem seria capaz de aturar os pretendentes a um lugar na Praça, dado que todos haviam de querer um cantinho. Seria de reccar até uma alteração de ordem publica, com a competente chuva de balas, obrigando o D. José a tirar o cavallo da chuva como se dizia na revista.

Deixem, pois, continuar a chamar-se Praça do Comercio, aquilo a que toda a gente chama Terreiro do Paço, porque não é bonito andar a chamar nomes a pessoas respeitaveis.

—Que ha depois da canja?
—Ha peixe...
—Obrigado pela novidade. Que ha peixe sei eu. O que eu pergunto é a qualidade.
—Boa, fez o creado.
—Homem, não é isso. Pergunto a especie zoologica.
—Ah é au gratin.

Desaparecido Mario Domingues desaparecido, apareceu. Apareceu é como quem diz, porque ele apenas se deixou ver atravez duma carta enviada ao *Noticias Ilustrado*, dizendo que não desapareceu, mas apenas resolveu viver oito dias e oito noites a vida dum vagabundo, pedindo pão, pedindo trabalho, pedindo abrigo. Promete Mario Domingues contar depois o que observar.

Oito dias vagabundo é pouco, mas Mario Domingues que a mais se não quiz aventurar é porque pouco confia na piedade humana.

Nós estamos quasi em augurar-lhe que nem os oito dias se aguentará, a não ser que resolva morrer de fome. Lá trabalho ainda lhe darão,

mas o pão não temos a certeza que lhe deem.

Carregar no peso Do *Diario de Noticias* da semana passada:

Com um peso na cabeça

No hospital do Rego faleceu, em consequencia do tetano, Manuel Anselmo Junior, de 21 anos, jornalista, residente no lugar de Cabanas do Chão, freguesia da Abrigada, concelho de Alenquer.

Dera entrada no hospital por, no dia 24 do mês passado, ter sido agredido, perto da sua residencia, com um peso na cabeça, pelo comerciante Joaquim Felipe, daquelle localidade.

Não pode ser. Seria a primeira vez que um comerciante carregava no peso.

Silva Passos Não está melhor o nosso camarada, amigo e colaborador. Lamentamos a sua falta de saude e a sua falta nestas columnas.

Anuncios As coisas que se anunciam nos jornaes!...

O anuncio entrou na vida moderna e serve tanto para arranjar casamento, como leite de burra. E se não veja-se:

Teatro Nacional
Senhora

Cavalheiro que estava numa friza pede á senhora que estava no camarote de 2.ª na 4.ª feira. Ihe indica a forma de se corresponder. Resporta ao Rossio, ao n. 24. 544.

Leite de burra

Precisa-se 2 litros por dia, falar rua Correia Teles, 336, r. c., D.º

Parece que não, mas ha, entre os dois anuncios, certa conformidade. Se o primeiro anuncio desse resultado e um casamento se fizesse por aquele processo, talvez o segundo já fosse dispensavel, porque, se ha uma mulher tão *trouxa*, (perdoe se nos o teimo) que responde a uma coisa daquelas, passado algum tempo, poderia ela mesmo fornecer o que no segundo anuncio se pede.

Arranjem-se lá.
Mas ha mais. Ha sempre mais.
Basta ler o *Diario de Noticias* todos os dias:

Sinal encarnado

Cheguei e vou domingo á missa e segunda-feira ás 15 horas na estação do Rossio. — Dr. F.

O Dr. F. vae no domingo á missa ver o sinal encarnado, mas nós tambem vamos, assim como vamos na segunda feira á estação do Rocio, ás 15 horas em ponto.

Vamos e levamos um dos nossos melhores caricaturistas. Do que vimos e observarmos daremos tão minucioso relato, que até o sinal encarnado se ha-de ver azul, a não ser que o sinal esteja escondido.

No Tivoli No Tivoli come-se bem. Referimo-nos á Pensão e não ao Cinema, como pode parecer á primeira vista.

Isto não é reclamo, nem nos foi pedido. Muito pelo contrario. Como se come bem, come-se em francez: *au meunier*, *au gratin*, *aux fines herbes* etc., etc.

Ha dias um pensionista de má boca, destes que não comem palha, ainda que lh'a saibam dar, quiz saber antecipadamente o que tinha para o almoço.

O BELENENSES, BEM...FICA!



1ª Parte. Bolas dentro



FINAL. JOGO DAS ESCONDIDAS... DA BOLA!



—Sabes uma novidade? Morreu o marido da Jacinta...
—E ela como ficou?
—Ora... ora... Como é que havia de ficar? Ficou viuva...



—Imagine V. Ex.ª que o José perdeu completamente a vista. E' um Zé Cégulho!
—Pois o Cosme está tuberculoso. E' um cosme-ético.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

CONTINUA a «rumorejar» sobre teatro aquele jornal que se publica... quando o J. P. assim o entende. O «rumorejo» do ultimo numero é pior do que aquele que comentamos, ha três ou quatro numeros. E' de tal quilate que não resistimos a transcrever alguns pedaços da prosa «aranhica» — para nos servirmos do seu proprio termo — do tal sr. «Rui de Sêna» que a assina. Começa por nos chamar «emerito passador para o riso das coisas sérias». Nós não as passamos para o riso. Elas — as coisas sérias — é que dão já de si vontade de rir.

O Rumor inicia esta cronica por se meter com osco, como dizemos, e depois escreve, sobre o que se tem passado no T. do G., o seguinte:

«Do Eu e Ela diz o empresario Erico Braga, indo bem, do Gimnasio á sua cara metade Lucilla o exito do cartaz com os pertences da Sapataria Inglesa. Os espectadores é que, não gostando da reclamada casa, tem poucado os seus pés e gasto na cabeça as gargalhadas que Alvaro de Andrade lá lhe mete. E isto enquanto Calvo não puzer os cabelos em pé aos que não entenderem o bom espanhol embora La vida es sueño. O pior é que lá vai ressuscitar a erudita polemica sobre a lingua que os interpretes devem falar nos países onde forem em representação. Como o dr. Manso entendia que o dr. Campos devia em Espanha ter representado de sr. Agostinho e não de Don Agostinho, é capaz agora este illustre filologo em representação de querer que Calvo ponha chinó lusitano — linguistico... O que vale a este intercambio representativo é que a peseta está por baixo.»

Juramos, á fé de quem somos, que não percebemos. Mete-se os pés pelas mãos. Fala do «Eu e ela» ao principio e acaba por declarar que a peseta está por baixo... Em tão poucas linhas é impossivel dizer tanta — como diremos? — tanta coisa diferente. Apesar de já termos um pouco de pratica em traduzir, no que fica transcrito não vemos tradução possivel. Mistura-se alhos com bugalhos.

As apreciações «aranhicas» de Rui de Sêna não ficam por aqui. Ha mais e muito melhor. Vejamos o que diz do T. P.:

«O illustre Luis Pereira, que tem sabido resistir a todas as urdiduras que lhe tem proporcionado, e para contraprovar a sua lealdade de empresario, e mostrar que no Politeama não ha telas, deu á geral a Aranha, que na America e mais mundo tem envolvido o publico. E' o que se pode chamar cosmopolitismo scenico. Aqui, que as peças andam em palpos, esta não prende senão os espectadores e tira tudo a claro, desde o «music-hall» ás illusões. E curioso é que os exigentes apontam exigencias a este verdadeiro especulo por ele fornecer tudo quanto eles clamam que os outros não lhe fornecem. Vão ao Politeama e digam-nos se sim ou não cá não anda tudo ás aranhas!»

Quem anda ás aranhas é quem tente perceber o que «Rui de Sêna» quer dizer na sua. A tela envolveu o cerebro do autor daquela prosa. E de tal maneira, que apesar de nós sermos — como ele diz — «esclarecidos confrades» — não podemos, desta vez, esclarecer ao publico o que quer dizer com aquilo... Ha, no entanto, uma verdade,



PALMIRA BASTOS — A insigne actriz a quem o teatro deve noites de verdadeira arte e a quem os artistas portugueses respeitam como sendo uma das maiores glorias da scena.

que o «Rumor... teatral» proclama. Ei-la:

«O Variedades, pela voz de Artur Emauz, proclama «que o melhor espectáculo de Lisboa, o mais popular e o mais barato» é o seu Zé Fortinho. Não pode oferecer duvida: esse pobre diabo sempre foi tudo e mais alguma coisa, quando cal em pagar.»

Por aqui ficamos, para gaudio de «Rui de Sêna» — por lhe fazermos reclame — e para gaudio do publico, que se deve rir com estas «coisas que pretendem ser sérias»...

O «Pão de ló», no Porto, foi «queijo» para o E. A. Vinte representações seguidas, na capital do norte, é qualquer coisa de notavel. E aquilo foi estando zangado o publico portuense... O que faria se estivesse bem disposto!

QUEM serão os «barbadinhos» da companhia do T. do G.?

O *Diário de Noticias*, de sexta-feira da semana passada, na ultima pagina, publicava o seguinte anuncio:

THEATRO NACIONAL

Senhora

CAVALHEIRO que estava numa friza pede á senhora que estava no

camarote de 2.ª, na 4.ª feira, lhe indique a fórma de se corresponder. Responder ao *Rossio*, ao n.º 21.544.

Houve quem respondesse a fingir que era a dita senhora... Combinou-se um encontro. O «cavalheiro» apareceu. O *rendez-vous*, é claro, foi marcado para o mesmo teatro, em determinada noite e dizendo que se encontrava, desta vez, numa friza — na oito. E foi engraçado ver toda a noite o «cavalheiro» á procura da «senhora do camarote de 2.ª» na friza oito, que por sinal esteve sempre vazia. Nariz no ar, nem viu nem ouviu a peça. A qualquer barulho de porta que se abria, voltava-se o nosso «cavalheiro... e esperava... e esperava... E a esperar ainda está hoje...

JA' que falamos em anuncio... Aqui tem os leitores outro, que merece lér-se:

RAFAEL MARQUES

Barbeiro e Cabeleireiro de Senhoras

Rua de C... d'O..., 60

Esplendido gabinete para senhoras, marca-se hora e manda a casa das Exmas. clientes, para o que tem pessoal devidamente habilitado.

Não sabemos deste officio do R. Se seria reclame para a sua lista? Tudo é possivel...

OUTRO anuncio que deu brado

entre a classe teatral e que veio a lume no sabado, no *Diário de Noticias*:

THEATRO POLITEAMA

Cede-se a exploração teatral desta casa de espectaculos. Trata-se no mesmo, das 15 ás 17 horas.

E' como quem diz: «Está em praça o T. P. para quem mais dêr».

Não será o anuncio, partida de Carnaval feita ao empresario L. P.?

TRIBUEM a esta pagina — feita sem querer ferir e sem pretender fazer mal a quem quer que seja — coisas fantasticas. Até lhe atribuem quedas de peças quando elas caem por si... sem ser preciso tocar-lhes... Já é!

A revista de Carnaval do T. P. intitula-se «Marcha atraz».

Até parece piada ao L. P., que termina com a companhia na terça-feira gorda... Termina-a nesse dia, porque não pode fazer marcha atraz... isto é, nunca a ter começado...

Como tambem se diz que o T. P. volta para animatografo, não seria o proprio L. P. que baptizou a revista: «marcha atraz para o cinema»?

FORAM-SE dois numa semana... Morreram de morte macaca. E' pena, mas que se lhe ha de fazer? Enterrá-los e não falar mais nisso... O que lá vai, lá vai...

DEPOIS da espanhola vamos ter — rosna-se nos «mentideros» — uma francesa.

Que seja bemvinda, que mal nenhum faz ás companhias portuguesas.

Ha tudo a ganhar... embora pareça á primeira vista que não...

O M. M. — nome do fóro e do teatro — vai publicar, dizem os jornais, um semanario sobre teatro e cinema, a que chamará «Vida Nova».

Que especie de «vida nova» será? Esperemos pelo primeiro numero, que M. M. vai dizer de sua justiça...

DIZ-SE que acabam três companhias de declamação, mas tambem se diz que se vão formar outras. Reis mortos, reis postos... Baralhar e tornar a dar...

Ainda bem que assim é. Pobres artistas se outra coisa não acontecesse...

O HOMEM DAS 5 HORAS.

Quereis dinheiro?

Joga! no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes!

Elevador da Gloria

O Henriquito estava doentinho e o medico receitara um remedio qualquer em forma de pó.

— Vamos lá, Riquinho — dizia a mãe, preparando-se para lhe dar o dito remedio numa colher de chá — toma isto, que daqui a nada estás bom.

— Não, não quero tomar — choramingava ele. — Não gosto de remedios!

— Então, meu filho, insistia a mãe com brandura — nunca me ouviste queixar por causa dum bocado de pó, pois não?

— Não, eu tambem não me queixava — respondeu o pequeno vivamente — se pudesse só pô-lo na cara, como a mamã o faz, mas o pó é que tenho de engulir...

* * *

— E tu, a certeza de ser eu a unica mulher que tens amado?

— A certeza absoluta! Ainda ontem á noite passei revista aos retratos de todas as outras...

* * *

— Minha mulher e eu resolvemos todas as nossas questões por meio de arbitragem. Damo-nos excelentemente com este processo.

— Mas quem é o arbitro?

— Minha mulher!

* * *

— Suponha, menino Rui, que sua mãe cortava um quilo de carne em oito partes. Como se chamava a cada parte?

— Um oitavo de quilo.

— Sim, senhor, muito bem. Agora suponha que cortava cada oitavo em duas partes, como se ficava chamando?

— Um dezaséis aves.

— Exactamente. Agora suponha que cortava cada dezaséis aves em seis partes. Qual era o nome destes últimos?

* * *

— Meu primeiro marido por dinheiro, e com o segundo por amor.

— Agora és completamente feliz, imagino.

— Absolutamente nada! O meu primeiro marido casou comigo por amor, e o segundo por dinheiro. Andamos ao contrario...

* * *

— O pai, que tinha ajudado o filho a fazer o tema: — Então o que te disse o professor quando lhe mostraste a tua traducção de francès?

— O filho, menos ingenuo do que parece: — Disse-me que eu estava cada vez mais estúpido...

* * *

— Não te entendo, Preciosa. Um dia estás radiante e bondosa, no dia seguinte estas amuada e agreste.

— E' que estou de luto aliviado. Ainda o não tinhas percebido?...

Sabedoria



— Diga-me lá uma coisa, se faz favor: é muito fundo este rio?

— Nem por isso. Não vê por onde chega a agua aos patos? ...

O Pai Nestlé



— Deixai vir a mim as crianças (por causa do 3.º Concurso da Nestlé).

PERNAS AO AR, DACTILOGRAFAS!

A doutora sr.ª D. Olga Stastny de Omaha Neb, medica oficial dum instituto feminino americano, fez ha dias uma interessantissima conferencia em Washington, na qual aconselhou as suas compatriotas a mandriarem como os homens.

— Mandriem como os homens — afirmou a illustre conferente. — A mulher nunca alcançará a sua emancipação senão quando descançar á vontade, com os pés mais altos do que a cabeça.

A sr.ª D. Olga Stastny tem experiencia de «boss», segundo afirma, e declara que as mulheres serão melhores executivas quando se inclinarem nas suas cadeiras giratorias e puzerem os pés sobre a escrevaninha, durante os momentos de descanso entre conferencias.

Uma hora de descanso com os pés no ar — descanso completo — acrescenta que é da maior oportunidade que o coração descanse algum tempo. Menos pressão naquelas veias, que muitas vezes se tornam varizes. As pernas menos grossas ao ar será um exercicio para os musculos.

A sr.ª D. Olga Stastny é contra as salas largas e compridas que, na sua opinião, impedem o movimento das pernas sobre as secreta-

rias. Concorda absolutamente com os vestidos curtos, que classifica de ideais.

A exposição dos braços e das pernas aos raios ultra-violetas do sol — diz ainda a sr.ª D. Olga — tem servido para tornar a mulher moderna mais elegante. Com mais algumas vitaminas para aumentar as curvas gregas, em vez da figura chata, e teremos uma raça ideal!

No meio scientifico, as palavras da illustre conferente foram recebidas com todo o respeito.

Estamos certos de que as nossas gentis dactilografas não deixarão de seguir com toda a atenção o conselho da sua illustre confrade D. Olga Stastny, visto que se trata de uma indicação muito proveitosa para produzir melhor trabalho! De futuro, nós vamos ter o prazer de, quando entrarmos num ministerio, numa companhia ou numa casa comercial ou industrial, disfrutarmos a agradável execução de ver as gentis dactilografas a mandriarem como os homens, pondo os pés sobre as secretarias e beijos das cadeiras, para tornarem mais valioso o seu trabalho.

Salas curtas e pernas ao ar, simpaticas dactilografas!

* * *

No covil da fera

Desde o choroso dia em que a D. Fifa enviuvou, tornou-se uma encarniçada pantera — nem outra colsa era de esperar para o seu pacifico genro.

Todavia, Jorge — assim se chamava o infeliz mortal — suportava-lhe todos os ataques com uma resignação espantosa — pudera! — mostrando-se assim digno do fervoroso amor da sua inestimavel esposa, Mila.

Mas, como tudo o que é ministrado em demasia aborrece e causa enjoo, um belo dia, Jorge, depois dum formidavel combate com a sua pouco recomendavel sogra, a qual, com uma caçarola, lhe causou avarias que tiveram de ser reparadas no hospital, enjoou e saiu de casa no firme proposito de já-mais lá voltar.

Para espalhar a dôr que lhe amachucava o coração, tornou-se um acerrimo aspirante... a provedor de vinhos. Porém, ás 3 da madrugada, já etizado, Jorge, a quem a frigidez da noite acobardava, apesar de ter a cabeça esquentada, resolveu voltar novamente a casa, na bela intenção de mais uma vez perdoar.

Passado algum tempo, encontrava-se á porta de casa, esforçando-se por introduzir o nariz na fechadura, a fim de abrir a porta, conforme ordenava o vinho que bebera. Só passados vinte minutos, depois de muito zariilhar, reparou no que estava fazendo, não sabendo a que attribuir tal disparate.

Puxou pelas chaves, abriu a porta e, surratamente, subiu as escadas, introduzindo-se no quarto. Como não atinasse com o interruptor electrico, despiu-se ás escuras e enfiou-se na cama, começando a chamar baixinho, não fôsse a sogra, que ficava no quarto pegado, ouvir:

— Mila!... Milinha!... Vira-te para cá, meu amor! Não sejas mais-sinhia!

De repente, sem dizer agua vai, leva uma estrondosa bofetada.

Só então o desgraçado notou o erro que tinha cometido: deitara-se inconscientemente na cama onde dormia a serpente, sua sogra.



— Sabes em que se parece uma cosinheira com um toiro?

— ?!

— Em que ambos saem á praça!

Morto a premio

Isto, pela luz dos olhos que me alumia, juro que é tão verdadeiro como a honestidade inconscusa dos nossos padeiros, coitadinhos, que são uns verdadeiros *márteles* da calúnia publica. (A qual, como é feminina e publica, não deve merecer credito nem consideração de ninguém que se preze de ser gente decente).

Aqui, ao lado, na hoje formosíssima *Amadora* e antigamente chamada *Porcalhota*, construiu-se um cemiterio novo, condigno com região tão propícia a bronquites e resfriamentos triunfalmente mortais.

— Mas — o diabo tece-as! — desde que ele — o maravilhoso monumento, dotado das mais modernas condições higienicas — foi com solenidade inaugurado com foguetes e *champagne*, nunca mais (até parecia de proposito!) nunca mais ninguém morreu naquele sitio.

Os filantropos construtores do vasto cemiterio, talvez ainda sob a acção entusiastica dos vapores do *champagne* das festas da inauguração, resolveram estabelecer um premio de mil escudos para a familia do primeiro morto que o fôsse na localidade e naquele cemiterio se enterrasse.

Acontece que, por esse tempo, havia já declarados in articulo mortis três desgraçados enfermos. Ao fim duma semana, nenhum dos deles falecera, porque os parentes de cada moribundo rodeavam dos maiores cuidados os doentes dos outros. Mas apareceram, como por encanto, mais seis doentes em muito grave estado na terra. Na segunda semana havia já vinte criaturas em ablativos da viagem eterna.

O desespero invadiu as almas dos porcalhotenses. E num dia mórno do começo do outono, quasi á mesma hora, morreram os vinte enfermos concorrentes.

Foi um desapontamento geral! E tanto que, o mais sabio de todos os parentes enlutados exclamava á saída do cemiterio, onde havia deixado uma tia defunta:

— Por cincoenta *malhos*, não valia a pena perder a tia Estrudes, que ainda ajudava a minha Irene. Seis vezes isso gastei eu no enterro...



— Sabes quem inventou o "foot-ball?"
— Sei. Foi um szpateiro.

Uma visita oportuna

Decidira começar a escrever a costumada prosa para a gazeta, quando a creada me annunciou uma visita.

— Mande entrar!...

Peguei no melhor dos meus sorrisos e, ajustando-o ao rosto, entrei no gabinete de trabalho onde descanço a mór parte do tempo.

— Conheço — disse o visitante, mal me viu — da dificuldade que V. e todos os seus colegas de humorismo tem em escrever graça todas as semanas á mesma hora. Vim, por isso, ajudá-lo a fazer a sua habitual piada porque sei como poucos onde ir buscar lá fóra a boa graça portuguesa.

— Mas o senhor é um anjo! — disse eu...

— Anjo, não! Anjos! Anjos!... Sebastião Anjos para o servir. Mas... vamos ao que importa: quer ouvir as minhas graças?

— Com todo o prazer.
E o Sebastião começou:

«Entrou o Ramires num estabelecimento para comprar um esquentador. O lojista explicou-lhe minuciosamente o aparelho.

— Isto o que é? — perguntou Ramires.

— Isto é uma valvula de segurança.

— De maneira que, isto numa falha?

— Nunca!

— Bem. Então diga-me para que serve esta outra coisa que aqui está em baixo...

— Ah! Isso é para maior segurança ainda do bom funcionamento.

— Então a segurança é tão segura?

— Não habito o senhor para dar á luz, não é assim?

— Claro!

— De maneira que V. Ex.^a está livre dum parto... Todavia, o Crea-

dor, embora pequenos, deu-lhe lhe peitos...

— E depois?!...

— Neles tem V. Ex.^a o «reforço» de segurança para o caso improvavel de... se desse á luz um filho — teria como amamentá-lo!

— Essa não tem lá muita piada, mas enfim — disse eu para a minha visita. Tem mais alguma?

— Duas ainda. Oiga:

«O Procopio, que era uma pessoa de imensa graça, mantinha uma amizade ilicita com a mulher dum comerciante de papeis. Este, quando um dia soube da sua infelicidade, escreveu a Procopio uma longa carta cheia de insultos e á qual ele, prudentemente, não respondeu.

O comerciante resolveu, então, ir postar-se junto da porta do rival para ajustar as contas.

Mal o viu, disse:

— Eu sou o dono da casa dos papeis. Mandei-lhe ontem uma coisa e o senhor fez-se esquecido!

— Diabo! — voltou o Procopio — Sou uma pessoa tão distraída que me esqueci disso. Com efeito, recebi o papel higienico que me mandou. E olhe que para oferta é de muito boa qualidade!»

— Vamos lá ouvir a ultima:

A minha visita continuou: «Sibil Sanderson, que foi uma das interpretes favoritas de Mascenet, falava o francês com muita dificuldade.

Certa noite, disse a um tenor, que para lhe ser agradável lhe falava em inglês:

— Oh! my dear! Quanto me agrada a minha língua na sua boca...

Ao ouvir esta, não resisti: dei do's pontapés no meu visitante, que saiu para a rua com a rapidez dum relampago.

PEDRO DE NELAS.

Graça dos outros

D. Clementina Ataide (a seu marido): — Lembras-te, meu querido, que, antes de sermos casados, sempre me oferecias o teu braço esquerdo?

O sr. Ataide: — Lembro; e a razão era porque precisava ter a mão direita sempre livre. Bem vês que eu tinha um medo enorme de que alguém te quizesse tirar-me; e assim estava sempre pronto para a defeza.

D. Clementina: — Como eras amavel! Nunca me explicaste isso!... Mas, agora, ofereces-me todas as vezes o braço direito. Porque é isso, então?

O sr. Ataide: — Agora, minha querida, já não tenho tanto medo de te perder, como tinha.

— Tem a bondade, decide aqui uma aposta? — disse, num concerto, um membro do auditorio para outro.

— Com todo o gosto.

— Este ultimo trecho que se ouviu foi alguma coisa classica, ou foi a orquestra afinando os instrumentos?

Um sujeito queixi-se de insónias.

— Olha — diz-lhe um amigo — nada ha melhor para isso que começar a contar um, dois, três, etc., até que por fim se adormece.

No dia seguinte encontram-se os dois.

— Então seguiste o meu conselho?

— Sim, segui: contei até dezoito mil.

— Ah sim! E que tal, adormeste?

— Não; quando acabei já eram horas de me levantar.

Consolação:

— Então o empresario manda-te dizer aqui que a tua peça caiu redondamente!

— E' verdade, mas diz tambem que foi uma queda estrondosa!

Uma senhora da mais alta sociedade lisbonense entra numa importante livreria da Baixa e pergunta ao gerente do estabelecimento:

— Sabe já dizer-me que especie de livros hão de ser lidos este inverno?

A' mesa dum hotel:

— Safa, que fiquei a arrebeitar! Comi como um padre!

— Diga antes como um bruto! Padre sou eu e não comi meidade!

Esperteza



Gasto já seis frascos de loção e cada vez o cabelo me cai mais.

— Isso quer é continuação.

— Mas é que o saber é horrivel!



O coronel Cifka Duarte, Inspector da Aeronautica Militar, visto pelo nosso colaborador Stuart Carvalhais

Consultas do "fixe"

P. 16: — Tenho um filho que estava matriculado no sétimo ano de flauta do Conservatório de Lisboa. O rapazião já ia, para o ano, para a virtuosidade. Tocava tão bem! Até dava gosto! Era perfeitamente um cochicho sem asma.

Acabaram, porém, com a cadeira no Conservatório. Que hei de eu fazer, não me dirá? — *Flauta Rude.*

R. 16: — Neste momento, com franqueza, não vejo quem possa substituir os antigos mestres do seu garoto. Porque é que o senhor não experimenta matriculá-lo no Colégio dos Arbitros? Lá não ensinam flauta, mas ensinam apito, que é quasi a mesma coisa.

P. 17: — Gosta de cinema? Não imagina como gostaria de filmar, mas não conheço ninguém. Se V. me arranjasse um lugarsinho em qualquer «studio»... — *Clara Pau.*

R. 17: — V. Ex., gentil cineasta-sinina, vai até à «Chic» com as sobranceiras rapadas, com muito «baton» nos lábios e muito ar de lombriga recém-nascida.

Quando vir uns sujeitos com barbas e com ar fotogenico, a falarem em «metteur-en-scene» e outros palavros limitrofes, dirija-se a eles. É garantido. Ao fim de oito dias, vai na fita.

P. 18: — Comprei um sobretudo em segunda mão e achei dentro duma algibeira dele uma nota de conto de réis. Que hei de fazer, não conhecendo pessoalmente a pessoa que m'o vendeu. — *Honrado da Silva.*

R. 18: — Nada. Meia outra nota de conto dentro doutra algibeira e venda o sobretudo por metade do preço pelo qual o comprou. Se não lhe chamarem tanso é porque são muito amáveis. Se lhe chamarem estúpido, são benevolentes. E se o matarem, são generosos.

Z. M.

FITAS FALADAS

Isto do cinema foi sempre uma questão de numeros. Um filme tem um certo numero de metros, distribuido num certo numero de partes, e só pode ser corrido quando tiver o numero da I. G. E., que tambem é um bom numero. Uma sala tem determinado (ou indeterminado, quando ha *giral e prominóire*) numero de lugares, custando cada um deles um determinado numero de escudos. Um espectáculo cinematografico costuma durar três horas, a partir das 15 ou das 21, constar de 16 a 18 partes de filme, geralmente com dois intervalos de dez minutos. E o programa, acompanhado por uma orquestra de um reduzido numero de professores, prolonga-se durante sete dias.

No cinema, os planos são numerados, as legendas são numeradas, os lugares são numerados, as partes são numeradas, as peças de musica que se executam durante os filmes são numeradas. O que importa ao produtor é o numero de copias tiradas; ao exhibidor o numero de bilhetes vendidos; ao espectador mediano o numero de beijos trocados entre o galã e a galona e o numero de figurantes; ao critico o numero de angulos complicados.

Isto quer dizer que a principal condição para se ser qualquer coisa no cinema é... saber aritmetica.

Os numeros: sen'em-se tão á vontade nos dominios cinematograficos que até chegam aos titulos.

Tivemos agora, duma assentada, «O Club 73», «A Noiva 68», «O iate dos 7 pecados», «Os 4 filhos». Já tivemos, *in illo tempore*, «As 2 orfãs», «Os 2 sargentos», «As 2 garotas de Paris», «Os 5 gentlemen malditos», «O Club dos 13», «As 7 mulheres do Barba-Azul», «Os 2 Mosqueteiros», «20 anos depois», «3 doidos com juizo», «A Lindissima Trindade», e muitos outros numeros assim. E a revoadá de algarismos continúa. Vem aí,

pelo menos, «Os 4 diabos», e até pode vir uma fita do Epstein, cujo titulo até mete quebrados: «6 1/2 por 11».

E eu proprio tenho que saber rigorosamente, como qualquer Greta Garbo, o numero de linguados a rechear com um avultado numero de piadas, para delicia dos leitores do *Fixe*.

O Carnaval não tarda uma loja de barbeiro.

Então é que vai ser bonito. Tenho que ser engraçado por força, não ha que ver, quanto mais não seja para não desmentir as tradições chistoras do Entrudo alfacinha, que foi sempre uma coisa engraçadissima.

Já me lembrei de me mascarar. Mas os modelos tentadores são tantos, que hesito na escolha. De *Manolesco* não era mal achado. De *Ben-Hur* era um sucesso. Mas a minha imaginação insatisfeita procura ainda um *travesti* mais original.

Se não fossem dificuldades de guarda-roupa, mascarava-me de *Filho do Outro, o* então, de *Paroxismo*.

Mas eis que uma scentelha genial me atravessa o cerebro ebulliente!

Vou mascarar-me assim:

Botas cambadas, pernas de aranha, um grande rabo, de papel. Cuecas de quadradinhos e camisa de dormir. Nas costas um grande letreiro, convocando os correspondentes para uma assembleia geral. No peito, ou antes ao peito, um jornalista de mama. Na mão esquerda uma panela e na direita um chifre retorcido. Ao pescoço, uma grande Lavalière. Olhos tortos, nariz de cera, monoculo. E na cabeça, cobrindo um capacho, um chapéu enviuzado de xexé, ostentando a imprecação historica de Cambronne.

Saio no sabado gordo, e ao passar na rua todos dirão assim: — «Bem te conheço, é mascara!»...
RETARDADOR.

Aneddotas historicas

Anos antes da revolução francesa, foi encerrado na Bastilha o celebre advogado Linguet, tão inteligente jurisconsulto como humorista.

Achando-se um dia na sua cela, distraido e triste, apareceu-lhe á porta um individuo vulgar e com uma toalha no braço.

Linguet, colérico pela intromissão, perguntou que pretendia.

— Senhor — respondeu o interpelado — eu sou...

— Quem?

— Sou o barbeiro da Bastilha.

— Pois se é barbeiro da Bastilha, faça-lhe a barba a cla e deixe-me em paz a mim!

* * *

Em Santiago de Compostela existe uma praça que se chama do Toral e onde uma estatua de Hercules sustém sobre os ombros uma pesada esfera de pedra que representa o mundo e ácerca da qual existe a versão popular de que cairá dos herculeos ombros no dia em que pela praça passe uma virgem.

Em determinada visita historica rodearam a estatua todos os forasteiros visitantes, olhando-a e comentando-a. E as mulheres, que na fonte da praça enchiam as suas bilhas, ao verem a atenção com que os forasteiros olhavam a esfera de pedra, exclamaram com malicia:

— Não teimem, senhores, que ainda que aqui estejamos muitas mulheres, não ha razão para a pedra cair.

* * *

A um poeta que acabava de publicar um livro de versos, perguntaram:

— E que tal, o livro vende-se?

— Vender, vende-se. Veremos agora se o compram...

BAYER

A urina turva aclara-se tomando Comprimidos de Helmitol.

HELMITOL

Depois da tempestade

volta o firmamento a oferecer-nos a beleza incomparavel do seu azul puro e immaculado; então sae do nosso peito, ainda oprimido pela angustia, um profundo suspiro de alivio.

Assim opera a Cafiaspirina! Que sensação de alivio e bem estar sentimos quando a dor desaparece!

V. Exa. não pode proceder de melhor maneira do que ter sempre á mão um tubo de Cafiaspirina para se proteger contra as dores de cabeça, de dentes, de ouvidos, nevralgias ou enxaquecas. As Senhoras devem usa-la sempre para aliviarem os incomodos periodicos. Além de que reanima as forças sem atacar o coração nem os rins.

CAFIASPIRINA

BAYER

DESSPORTOS

A imparcialidade da critica

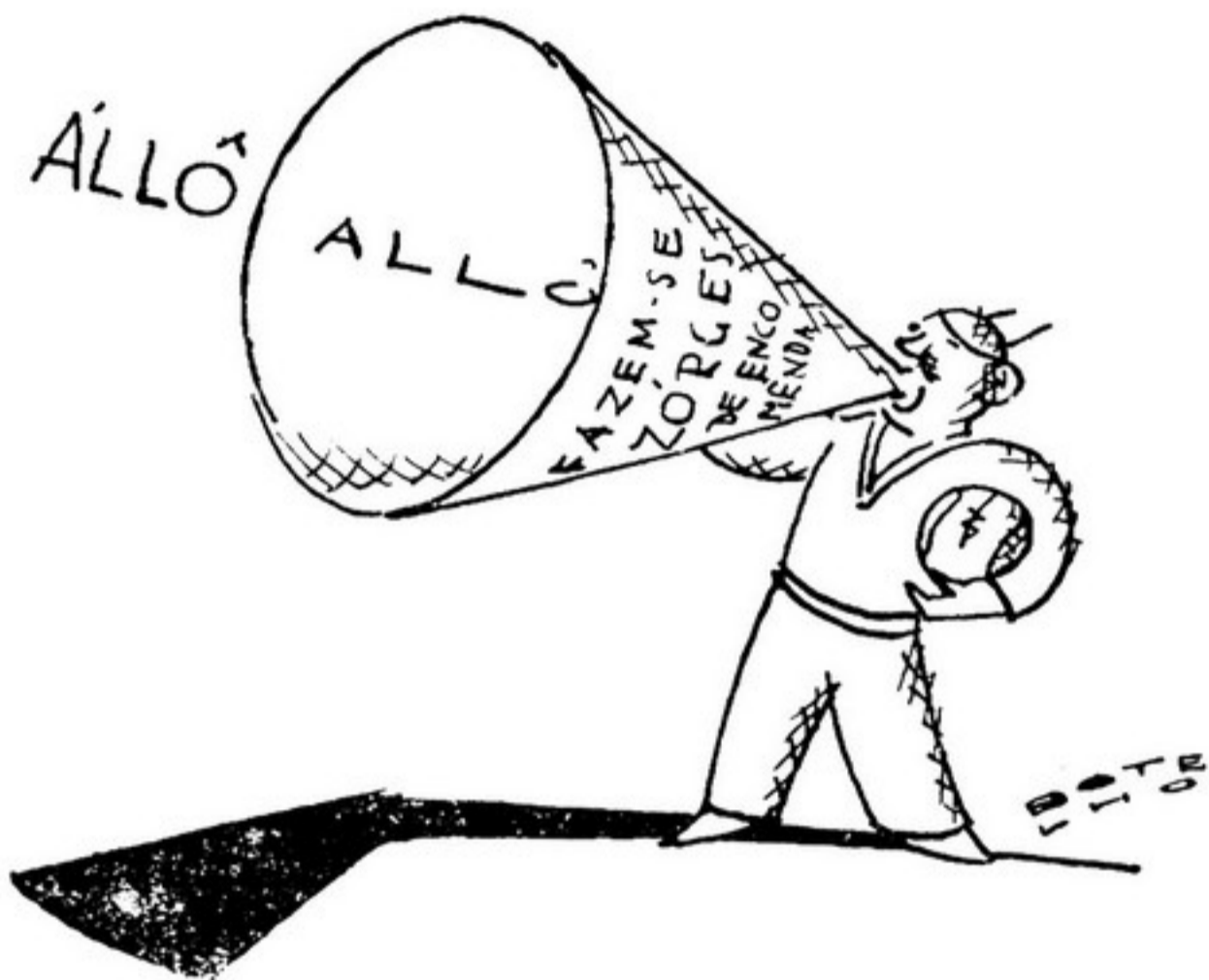
O *Bemfica* é, indiscutivelmente, o club mais popular de Portugal — aquele que conta maior numero de *supporters* entre os aficionados da bola.

Mas não ficam por aqui os efeitos da simpatia irradiante do club vermelho.

Com efeito, o *Bemfica* é tam-

pecialidade ha, por exemplo, um critico que é dirigente do *Bemfica*, outro que é dirigente do *Casa Pia* e outro que o é no *Belenenses*.

Seria logico que o chefe da redacção distribuisse o trabalho de modo a caber ao partidario do *Bemfica* o desafio *Belenenses-Carcavelinhos*; ao do *Belcenses* o



OS ZÓRZES

Clubs! Quereis um bom 'back' esquerdo? Crismal-o para Jorge. Está provado serem os Zorzes fadados para esse lugar.

bem o club que conta entre os criticos imparciais com o maior numero de admiradores cegamente dedicados.

De modo que a leitura dos jornais, após um desafio importante em que o *Bemfica* tome parte, é uma coisa muito instrutiva e razoavelmente humoristica.

Entretenham-se os leitores a ler os relatos do desafio *Bemfica-Belenenses*, e digam-me das suas, que eu não estou disposto a fazer recortes nem a criar mais zangas.

De resto, a imparcialidade da critica de *foot-ball* nunca passou entre nós duma aspiração. Chegou-se mesmo a ponto de se perder por completo a vergonha e de se fazerem coisas inverosímeis.

Na redacção dum jornal da es-

desafio *Bemfica-Sporting*, e assim sucessivamente.

Seria logico... mas não é conveniente. De modo que o dirigente do *Belenenses* faz todas as criticas dos desafios que o *Belenenses* joga; o dirigente do *Casa Pia* faz todas as criticas dos desafios que o *Casa Pia* joga, etc., etc., etc.

E quando se encontram o *Belenenses* e o *Casa Pia*? — pergunta-rá o leitor. Nesses casos suponho que a questão é resolvida á sorte entre os dois imparciais criticos interessados — o que aliás não evita o seu amuosinho á mistura...

Entrando em grande velocidade numa povoação, um luxuoso automovel pára aparatosamente em frente do hotel, onde o recebe um porteiro aparente e gentil:

— «A viagem tem sido boa? Têm feito grandes velocidades?»

— «Entrámos na povoação a 80 quilometros» — responde orgulhosamente o automobilista.

— «Isso é muito interessante. Faz favor de me dar o seu nome. Não sabe quem eu sou?»

— «Não faço ideia» — diz o dono do carro.

— «Pois sor' o policia cá da terra.»

Sem perder o sangue-frio, pergunta por seu turno o automobilista:

— «E o senhor não sabe quem sou eu?»

— «Não faço ideia.»

— «Pois fique sabendo que sou o homem mais mentiroso que ha em Portugal.»

O Portugal-França realiza-se no proximo domingo, que é domingo magro.

Está boza! Estes encontros Portugal-França são da casta, pois sempre os portugueses, logo de manhã, encontram-se...

Atendendo ao dia em que se efe-

O NOSSO GRANDE CONCURSO DOS SILVAS DO FOOT-BALL

Continuam a afluír os premios para o formidavel e inexcédível Concurso dos Silvas do *foot-ball*. Pode mesmo assegurar-se que este é o concurso mais premiado que jámais tem existido. Qualquer dia teremos que dizer: *Basta!* Basta de premios. Basta com tanta generosidade. Porque a verdade e que quasi que já não temos sitio na redacção para pôr tantos premios. Ha mesmo redactores que andam já com os premios nas algibeiras. Ora isto não pode continuar, nem nós queremos abusar do espirito de sacrificio dos nossos redactores.

Em todo o caso, registaremos hoje mais as seguintes valiosas dádivas:

HENRIQUE PRAZERES oferece uma *plataforma* ricamente ornamentada com outras faltas de ortografia e de gramatica.

DR. URGEL HORTA oferece um Candido de Oliveira em prata massiça, com resplendor de pedras preciosas.

DR. JOSÉ PONTES oferece uma viagem a Los Angeles em 1932, desde que o premiado faça parte do grupo da rapaziada amiga.

JOAQUIM FERNANDES oferece uma *marcação* já muito gasta e um espirito desportivo de primeira qualidade.

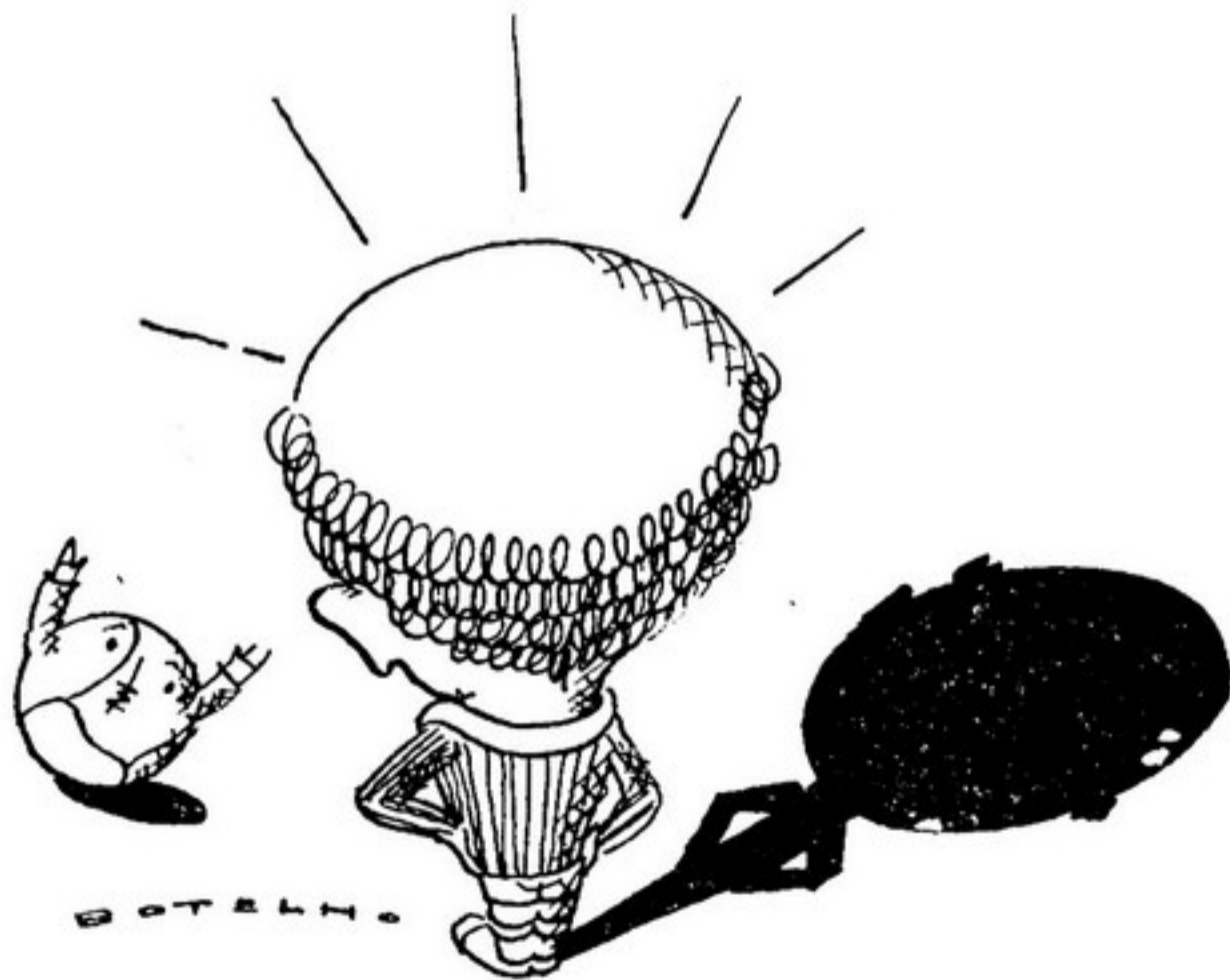
VITOR SILVA oferece um precioso trabalho todo em filigrana.

DR. ANTONIO MARTINS oferece uma série muitissimo ilimitada.

TAVARES DA SILVA oferece duas horas de conversa, com voz maviosa e gestos apropriados, em qualquer café á escolha do premiado.

VITOR GONÇALVES oferece a sorte grande em todas as lotarias.

Quem é este?



Careca chama-lhe o povo
Quando em campo o vê entrar.
E' careca, mas é novo,
E está ali para durar.

Lá na pesc. da sardinha
Dizem que é bom pescador.
Por isso pesca a bolinha
E é um belo jogador.

Foi ao Brasil. Quanta gente
Vai lá na esperança das lecas.
E ha os que lá vão com pelo
E voltam de lá carecas.

Careca já ele o era
Quando partiu, julgo eu.
Que mais careca ficou
Co'aquilo que succedeu.

A multidão, quando o vê,
Dá palmas, nunca o apupa.
E' caramelo. Porém,
E' doce mas não se chupa.

Só se adivinha este Silva
Por artes de mafarrico.
E' de Setubal e é *back*
E dá p'lo nome de Chico.

ZÉ MARIA.



ctua o *match* internacional, alguns dos nossos representantes apresenta-se-hão com interessantes travestis:

Carlos Moça — disfarçado em martelo-pilão.

Pepe — disfarçado em gigante das dadas.

Agostinho e Chico Alves — disfarçados em jogadores.

Vitor Silva — disfarçado em bilhete do Tesouro.



Apanha la esse pião á unha

ECOS DA SEMANA

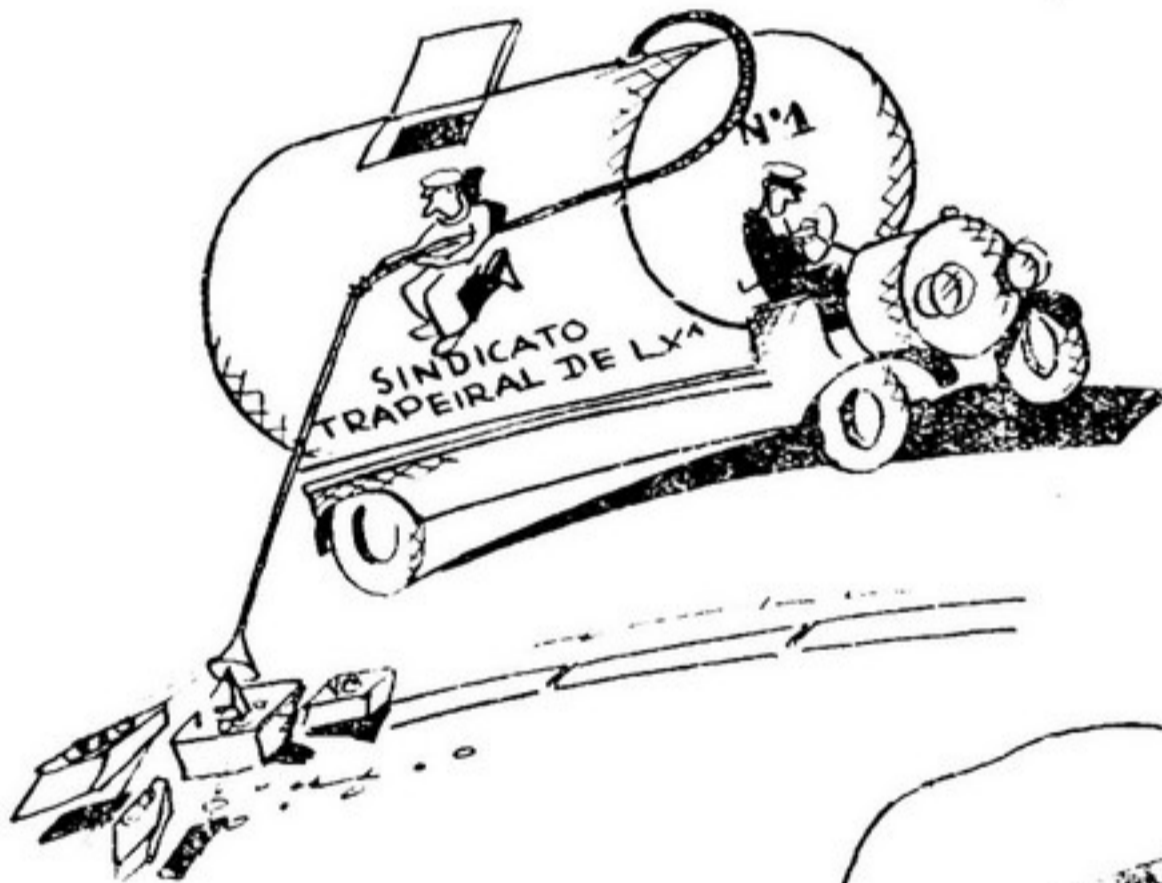
EM VISITA DE ESTUDO PARTIU PARA MADRID UMA DELEGAÇÃO DE ESTUDANTES DE MEDICINA. UM DOS MALES A ESTUDAR SERA A ESPANHOLA...



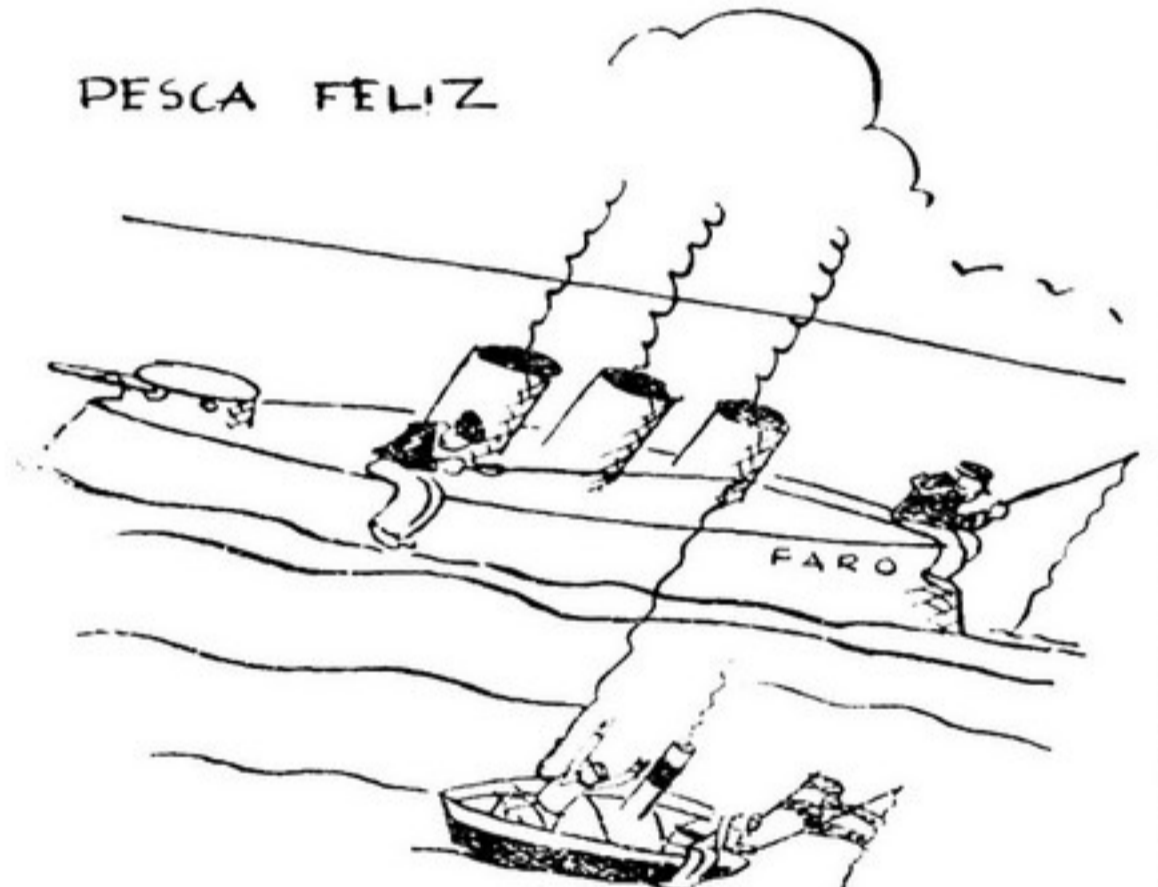
COM A BASE EM VILA FRANCA, A FALTA DE COURAÇOS, TEREMOS UM AUMENTO CONSIDERAVEL DE MARUJOS.



OS TRAPEIROS DE LISBOA, POR VINGANCA, CONSTITUIRAM SOCIEDADE E ADQUIRIRAM UM POSSANTE ASPIRADOR-AUTOMOVEL QUE NAO SO CHUPARA OS TRAPOS COMO TAMBEM OS CAIXOTES.



PESCA FELIZ



O PEIXE PESCA O ISCO - OS ESPANHOIS PESCAM O PEIXE E NOS PESCAMOS O ISCO, OS ESPANHOIS E O PEIXE. AS VEZES NAO PESCAMOS NADA

VERE AMAR

O PAIS OPTIMO
FILM PORTUGUES
A AFARECER BREVEMENTE -
(EM BAIXO ALGUNS COLABORADORES
FOLOGENICOS, COCOGENICOS, DELAMBIDO
GENICOS, ARTISTOGENICOS E ETCLOGENICOS)



A PROTAGONISTA
HELOISA CLARA -
UMA ESPERANÇOSA ESTRELANÇA DO ESPERANÇOSO CINEMA PORTUGUES -

